



SAÚDE PÚBLICA

Campanha de vacinação alcança 110 mil escolas

Ministério afirma que imunização foi realizada em mais de 5,5 mil municípios. Meta é atingir 30 milhões de crianças e adolescentes

» FRANCISCO ARTUR DE LIMA

O mutirão de vacinação das escolas, que ocorreu entre os dias 11 e 25 de abril, atingiu recorde de adesão. Foi o que garantiu, ontem, o Ministério da Saúde, acrescentando que a campanha de imunização abrangeu 5.544 municípios e mais de 110 mil escolas. A pasta, porém, não divulgou dados sobre a quantidade de vacinas aplicadas em jovens e adolescentes.

Segundo o ministro da Saúde, Alexandre Padilha, a meta era imunizar ao menos 90% dos estudantes da rede pública com até 15 anos, um público estimado em cerca de 30 milhões de crianças e adolescentes. “Trouxemos dados de que batemos o recorde de adesão das escolas para a campanha de vacinação. Fechamos na última semana esse esforço inicial de concentração, mas vamos mantê-lo ao longo de todo este mês. Faremos um balanço no fim de maio, mas a receptividade tem sido muito positiva”, garantiu Padilha.

A ação nas escolas faz parte do

Programa Saúde na Escola (PSE), uma colaboração entre os ministérios da Saúde e da Educação. O objetivo é envolver estudantes, pais, responsáveis e educadores na prevenção de doenças que podem ser evitadas pela vacinação.

A campanha segue o Calendário Nacional de Vacinação e os imunizantes oferecidos incluem febre amarela, tríplice viral e DTP (Tríplice Bacteriana) para crianças de oito meses a menores de cinco anos. Também está no rol de aplicações vacinas de febre amarela, tríplice viral, DTP, meningocócica ACWY e HPV para crianças e adolescentes de cinco a 14 anos.

Além da mobilização nas escolas, Padilha adiantou o retorno do “Dia D” nacional de vacinação contra a Influenza (gripe) e será em 10 de maio. O ministro ressaltou que a ação representa a retomada de mobilizações nacionais de vacinação que “tinham sido interrompidas no governo anterior”.

Redução de filas

Padilha ainda anunciou que o ministério elabora novo modelo

Rafael Nascimento/MS



Para as crianças de cinco aos adolescentes de 14 anos foram distribuídos cinco tipos de imunizantes

de gestão para reduzir o tempo de espera por consultas, exames e cirurgias no Sistema Único de Saúde (SUS). A proposta principal é a ampliação de parcerias com hospitais privados, operadoras de planos e estruturas da medicina suplementar.

Segundo o ministro, a estratégia prevê o aproveitamento da capacidade instalada, muitas vezes ociosa, dos hospitais e ambulatórios privados. A medida, conforme enfatizou, busca garantir o cumprimento de prazos legais, como o diagnóstico de câncer em até 30 dias e o início do tratamento em até 60 dias.

A integração com o setor privado, segundo Padilha, será “fundamental para enfrentar esse passivo de atendimentos médicos “com eficiência e agilidade”. “Queremos mudar essa realidade. Isso significa integrar mais esses profissionais e serviços ao atendimento público. O importante é garantir que o cidadão receba o cuidado de que precisa, no tempo certo e com qualidade”, salientou.

» Entrevista | MÔNICA LEVI | PRESIDENTE DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE IMUNIZAÇÕES

“Escola é o local onde se informa sobre a vacina”

A médica pneumopediatra Mônica Levi, presidente da Sociedade Brasileira de Imunizações (SBIm), considera que as campanhas de vacinação somente serão bem sucedidas se houver informação, incentivo e combate às mentiras que desestimulam a imunização. Ela considera que as escolas são o local ideal para esclarecer sobre as vacinas e, também, aplicá-las sem custos adicionais às famílias. Confira a seguir os trechos da entrevista ao Correio.

Como a senhora avalia o panorama da vacinação no país?

Desde a década de 1970, o Brasil é um exemplo para o mundo ao consolidar o Programa Nacional de Imunizações (PNI). Tivemos muito sucesso, com uma população que acreditava e comparecia para se vacinar. Fomos de uma situação de sucesso no controle de

doenças para um risco de reemergência e com baixíssimas coberturas vacinais. O desafio maior, agora, é a retomada dessas coberturas para proteger a população.

O que explica a queda na vacinação?

Primeiramente, a falta de percepção do risco das doenças. Como as vacinas tiveram sucesso em controlá-las, a população não vê a ameaça e não entende a necessidade de manter a vacinação. Outro fator é a disseminação de mentiras e a ação de grupos antivacinas, que se organizaram especialmente durante a pandemia. Isso abalou a confiança e levou ao que chamo de “sommelier de vacina” — pessoas, por preconceito, começam a escolher quais vacinas consideravam importantes tomar. Esses discursos ainda têm força.

A senhora também menciona que problemas estruturais dificultam a vacinação. Que problemas são esses?

Essas questões englobam dificuldades de acesso das famílias aos postos de saúde, por exemplo. Pense que, para ir a um posto, as famílias devem desembolsar o dinheiro do ônibus, do transporte. Então, se deslocar ao posto para se vacinar envolve custos.

O governo federal promoveu um mutirão de vacinação nas escolas. Como a senhora avalia essa iniciativa?

Como algo positivo. A escola é um local onde é possível passar informações corretas para que crianças e adolescentes entendam por que estão se vacinando. A vacina chegar à escola é uma situação muito melhor, pois evita

o deslocamento das pessoas aos postos de saúde para imunizar crianças e adolescentes.

E quanto aos adultos? Como incentivar a vacinação entre eles?

Com microplanejamento, conversando com líderes comunitários para entender quem são as pessoas mais ouvidas em cada localidade, já que as estratégias precisam ser diferentes em cada região do Brasil. Estratégias como passar em ruas com megafone informando sobre vacinas disponíveis. Principalmente, criar pontos de vacinação em locais de alta circulação e de fácil acesso para quem não vai espontaneamente aos postos — como drive-thrus, parques, clubes e avenidas movimentadas. Sou contra o uso de brindes como incentivo. A pessoa está ganhando uma proteção gratuita. (FAL)

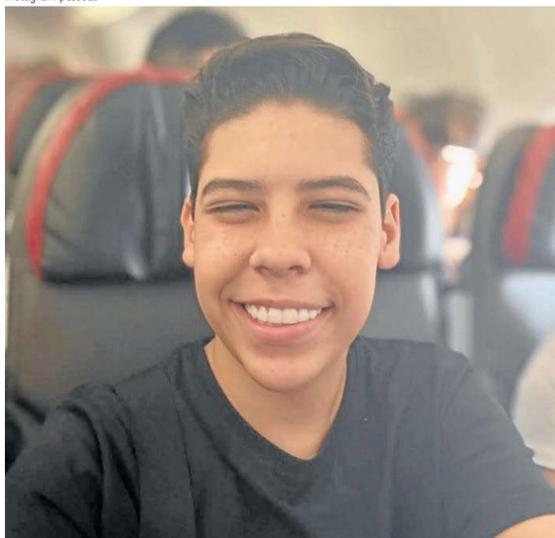
Divulgação SBIm/Silvia Oselka



Pense que, para ir a um posto (de saúde), as famílias devem desembolsar o dinheiro do ônibus, do transporte. Então, se deslocar ao posto para se vacinar envolve custos”

RELIGIOSIDADE

Instagram pessoal



Miguel postou vídeo afirmando que havia curado mulher com leucemia

Conselho veta pregação de “missionário mirim”

» FABIO GRECCHI
» ISABELA STANGA

O adolescente Miguel Oliveira, de 14 anos, conhecido como “missionário mirim”, foi proibido pelo Conselho Tutelar de pregar em igrejas, viajar e usar as redes sociais. Ele é membro da Igreja Assembleia de Deus Avivamento Profético, em Carapicuíba, na Grande São Paulo. Ele ganhou visibilidade por meio de vídeos de pregações que publica em plataformas da web e angariou seguidores de diversas regiões do país.

A decisão do conselho é em função de dois fatores: alegações de curas sem comprovação da veracidade e pedidos de doações financeiras aos fiéis. No primeiro caso, há um vídeo em que

Miguel aparece rasgando exames e declarando que uma mulher, que sofria de leucemia, tinha se livrado da doença.

“Eu rasgo o câncer, eu filtro teu sangue e eu curo a leucemia”, afirma Miguel no vídeo, o que gerou revolta nas redes sociais.

No segundo caso, há denúncias de que o adolescente pede dinheiro nos cultos — os valores podiam alcançar R\$ 1 mil — sob o argumento de que a rapidez da doação agilizava o recebimento do milagre.

A suspensão da pregação de Miguel é também porque a rotina de estudos vinha sendo negligenciada em função da intensa agenda de pregações — o que levou a faltas nas aulas. A decisão também visa, de acordo

com o conselho, proteger o adolescente, afastando-o da exposição pública e das ameaças que vinha recebendo.

Volta aos estudos

A decisão do conselho, tomada em conjunto com os pais do “missionário mirim”, prevê que ele retome a rotina de estudos presenciais e será por tempo indeterminado. O pastor Marcio Silva, que chefia a Igreja Assembleia de Deus Avivamento Profético — frequentada por Miguel —, afirmou que a medida será respeitada para preservar a imagem do adolescente.

“Estamos tristes, mas optamos por afastá-lo para evitar mais exposição. Ele aceitou a

decisão”, disse Marcio.

O “missionário mirim” conta com mais de um milhão de seguidores no Instagram. Além disso, o Ministério Público de São Paulo (MP-SP) apura ameaças recebidas por Miguel nas plataformas on-line, devido às pregações. Apesar das críticas, o adolescente disse que encara os ataques como fortalecimento pessoal e do seu ministério.

Miguel afirma ter iniciado a vida religiosa aos três anos de idade, depois de ter sido milagrosamente curado de surdez e mudez. A partir daí, passou a pregar em eventos evangélicos pelo Brasil. O adolescente também chamou a atenção por se apresentar com uma postura semelhante à dos pastores adultos.